



Pirajá viveu ontem um dia de muita festa com presença de colégios e visitantes

Pirajá encerrou festejos do 2 de Julho com samba

Missa, cerimônia cívica, folclore e muito samba marcaram, ontem, o encerramento dos festejos pela Independência da Bahia, no subúrbio de Pirajá. A festa começou por volta das oito horas, com a saída do Largo do Santo Antônio Além do Carmo, da romaria cívica com destino à Pirajá, em oito ônibus cedidos pela prefeitura, que é a promotora da festa.

As dez horas, o padre Luiz Palmeira celebrou a missa solene na Capela de Pirajá, começando, em seguida, a solenidade cívica no Panteon de Labatut, presidida pelo coordenador Executivo dos festejos do Dois de Julho, Raimundo Coelho, que, ontem, representava, também, o secretário Municipal de Educação e Cultura, Antônio Fábio Dantas.

Após o hasteamento das bandeiras do Brasil e da Bahia e colocação de flores no panteon, foram proferidos discursos alusivos à data, pela professora Maria Dionísia de Santana Costa, Renato Schindler, presidente da Sociedade Amigos da Cidade do Salvador, e pelo acadêmico Florêncio Magalhães, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

TRADIÇÃO HISTÓRICA

A Festa de Pirajá lembra, anualmente, uma tradição histórica que data do ano de 1823, quando, no segundo domingo após a grande vitória das forças brasileiras sobre as tropas portuguesas foi realizada uma grande romaria ao sítio da vitória "Cabrito e Pirajá", onde foi, também, celebrada uma missa em homenagem aos heróis. Entre estes, segundo ressaltou o professor Raimundo Coelho, o Corneteiro Lopes, que ao receber a ordem de tocar retirada, deu o toque de "Cavalaria avançar e degolar", dando novo ânimo aos, praticamente, derrotados soldados brasileiros e espalhando o pavor e a confusão entre as forças lusitanas.

Esse gesto, que transformou uma derrota na grande vitória da independência da Bahia, foi lembrado, ontem, pelos estudantes dos colégios "Ginásio Eulálio Costa" e "Ginásio S.S. Schindler" que acompanhando as bandas marciais desfilaram em frente ao Panteon do General Pedro Labatut e em meio à multidão presente à praça ouviram os discursos de exaltação aos feitos heróicos dos que combateram para a consolidação da Independência da Bahia, conseguida no dia 2 de julho de 1823.

SAMBA E FOLCLORE

"Na Bahia, nenhuma festa é somente cívica ou exclusivamente religiosa". Comentava um expectador, talvez surpreso, em ouvir a um só instante, os acordes do Hino Nacional, tocado pela Banda de Música do Corpo de Bombeiros, e o batuque inconfundível do "samba de roda" das barracas de comidas e bebidas, ou mesmo, os estudantes em farda de gala, lado a lado com baianas, tipicamente trajadas, e até foliões trajados com fantasias de blocos carnavalescos.

Apesar das queixas dos barraqueiros, alegando pouco movimento, o lado popular e folclórico voltou a ter destaque na Festa de Pirajá, sobretudo na parte da tarde, quando o sol afastou a ameaça de chuvas, levando então muita mais gente às quase 100 barracas armadas no largo. A cerveja voltou a ser vendida livremente, a preços que oscilaram de Cr\$ 16 a Cr\$ 20, aumentando à medida em que crescia o movimento, o mesmo acontecendo com os refrigerantes (Cr\$ 4 a Cr\$ 6) e com os tira-gostos.

"FESTA DE UM DIA"

Na opinião do barraqueiro Nilson de Souza, do "Bar Dols Amigos", a Festa de

Pirajá, por ser uma festa de um dia só, não dá para entusiasmar os barraqueiros, que como ele, participam apenas para cumprir uma tradição. Este ano — disse ele — a festa está fraca mas, mesmo assim, está melhor do que no ano passado, quando foi grandemente prejudicada devido à realização de um BA x VI na Fonte Nova.

Outro que reclamava da falta de um maior movimento foi o dono da "Barraca São João", João Celestino, que mesmo beneficiado pela boa localização, dizia não estar fazendo negócios suficientes para compensar a despesa de armar as barracas. Ele, como vários outros barraqueiros, preferiu vender apenas refrigerantes e cerveja, por achar que não havia vantagem em fazer comidas ou tira-gostos.

SÃO BARTOLOMEU

Muito embora o professor Raimundo Coelho afirmasse que a Festa de Pirajá nada tem de relação com o Clube afro, muitas pessoas a confundem com a Festa de São Bartolomeu e outras até seguem direto para as cachoeiras, sem sequer passar por Pirajá, para participar das festas de caboclos e levar oferendas aos orixás.

Em São Bartolomeu, onde desde as primeiras horas da manhã de ontem já se notava uma grande movimentação, a queixa dos barraqueiros são dirigidas para a prefeitura que ainda não colocou uma linha de ônibus que leve os adeptos do candomblé, e até os visitantes, ao local exato das minifestações. Eles se queixam, também, da falta de policiamento, não só durante a festa, como em todos os fins de semana. O que se nota também em São Bartolomeu, é um princípio de descaracterização, em consequência da invasão das músicas de discoteca, difundidas por algumas barracas.